

OBSERVATÓRIO PLURALIDADES
O ASSASSINATO DO GARI LAUDEMIR E A PARTE QUE NOS CABE DESTE LATIFÚNDIO

*Cláudia Freire Vaz**

No dia 11 de agosto de 2025, uma segunda feira, uma notícia repercute bastante no Brasil: O gari Laudemir de Souza Fernandes é assassinado, a tiros, durante o exercício de seu trabalho. De acordo com o site g1.com, o suspeito Renê da Silva Nogueira teria discutido agressivamente com os profissionais da limpeza por conta do caminhão estar na via. Apesar de haver espaço para passar, segundo a motorista do caminhão, o motorista do carro atirou contra os garis e acertou Laudemir.

A barbárie que foi esse crime e a necessidade de investigá-lo com rigor é ponto pacífico. Contudo, o que trago aqui, não é uma discussão sobre o crime propriamente dito, mas como culturalmente a sociedade brasileira tem uma responsabilidade sobre esse acontecimento. Quem nunca disse, ou ouviu, a seguinte frase “Se não estudar, não vai ser alguém na vida?” Ela tem como objetivo estimular pessoas a estudarem, porém o outro lado da moeda, dessa frase, é que ela também diz quem não estuda, não é alguém na vida, é um ninguém. Um exemplo disso está numa charge bastante popular, que circula na internet, de autoria indefinida.



Figura 1 – imagem retirada do site: <https://www.historiajaragua.com.br/2016/06/chargeseducacao>.

Na primeira parte da charge vemos a fala da mulher de azul, uma fala bastante comum e que mostra o desprestígio por esse profissional. Essa fala reflete também na forma como tratamos os garis em nossa sociedade. O psicólogo Fernando Braga, autor do livro “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, reflete sobre o dia-a-dia dos profissionais da Universidade de São Paulo (USP). Em sua participação no TED talks, ele conta sobre um episódio que ocorreu em sua graduação. A professora de psicologia social solicitou que os estudantes realizassem um trabalho: que trabalhassem, por um dia, em alguma atividade manual. Braga escolhe atuar com os garis da USP e em algum determinado momento decide passar no prédio da psicologia, pois estava curioso para saber como seria a recepção dos colegas ao vê-lo vestido com um uniforme de gari. Para sua surpresa, não houve comentários, pois ele não foi visto por ninguém. Após essa experiência ele se dedicou a estudar, na pós graduação, o conceito que ele cunhou por conta dessa experiência: invisibilidade pública. O autor explica que esse conceito se refere ao fenômeno de que pessoas que exercem trabalhos subalternos não são vistos como pessoas, mas como objetos.

Qual a origem disso? Do desprestígio tão grande do profissional da limpeza urbana? Vaz (2025) nos mostra que desde o período escravocrata se observa que pessoas que trabalham com limpeza urbana são consideradas de menor valor. Pimentel em seu livro “Chão de Sombras - Estudos sobre Escravatura” tem uma passagem que mostra que o lugar social da pessoa que trabalha com limpeza é considerado inferior desde o período escravocrata:

(...) as 1000 negras que, de canastra a cabeça, percorriam as ruas limpando a cidade dos desperdícios, outras recolhiam os excrementos e faziam os despejos no rio (...) De todas as pretas de ganho, as negras da canastra eram a que recebiam menos, apenas 30 reis por dia, porque eram de ‘mais baixo espírito’ do que às que andavam à água (2010, p.131),.

Também se tem registros de outros tipos de escravizados que trabalhavam com limpeza: os chamados tigres. Sua atividade consistia em despejar barris com excrementos em valas e praias da cidade. O fato desses objetos serem de má qualidade fazia com que seu conteúdo escorresse pelas costas dos sujeitos, formando lesões dermatológicas que se assemelhavam às listras encontradas na pele dos tigres. Outra

possibilidade de origem para esse apelido é que as pessoas queriam distância desses trabalhadores, os rechaçavam, se esforçavam para mantê-los à distância.

Tanto a charge, quanto o trabalho de Braga (2004) e o trabalho de Vaz (2025) nos mostram o quanto a sociedade desumaniza os garis. Seja invisibilizando-os ou os apelidando com nome de animais como tigre, Essa última, é uma estratégia bastante utilizada para retirar humanidade dos sujeitos. Aos negros, os assemelhavam à macacos; os judeus eram chamados de parasitas; o grupo étnico tutsis eram chamados de baratas pelos hutus. A desumanização de determinados grupos é fundamental para perpetração de genocídios entre povos. Ou seja, quando rebaixamos grupos a categorias de animais nojentos ou perigosos, matá-los pode não significar absolutamente nada ou é entendido como legítima defesa. Quando o sujeito é invisível, qualquer ação contra ele também não é visível.

Voltando ao caso de Laudemir, podemos tentar compreender um outro ponto surpreendente sobre esse crime: o fato de Renê ter sido preso, horas depois do crime, em uma academia. Considerando que seja ele o assassino, como é possível que ele tivesse ido malhar horas depois de ter assassinado uma pessoa? Ele não comete um crime e foge, ele vai treinar. Talvez isso seja mais do que a certeza de impunidade, isso pode estar ligado não entendê-lo como sujeito. Pode ocorrer assassinato, se a vítima é invisível? Pode ocorrer crime, se a pessoa vitimada é associada a um animal?

Sawaia (2007) é outra intelectual que nos ajuda a pensar o crime de Laudemir. Ela cria o conceito sofrimento ético político para designar: “(...) sofrimento que surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (p.104). Esse sentimento não é criado por “razões psicopatológicas”, mas por relações que se estabelecem na sociedade. O sofrimento ético político justifica a fala da mulher da charge, da experiência que Fernando Braga passou e tem relação com o crime ocorrido em Minas Gerais.

O crime foi cometido por só uma pessoa, a que puxou o gatilho. Porém, a desumanização desses corpos não vem de hoje, mas de séculos, vem de uma herança escravocrata e com um viés interseccional entre raça e classe que não devemos negligenciar. Por isso, nos cabe pensar: Como eu trato os profissionais de limpeza que estão ao meu redor? Eu os vejo? Eu os cumprimento? O encerramento desse texto vem

com um convite: Se tratando do assassinato de Laudemir, qual a parte que nos cabe deste latifúndio?

Referências

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

G1. Corpo de gari morto por empresário é velado em igreja evangélica de Contagem, na Grande BH. G1 Minas Gerais, Belo Horizonte, 12 ago. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/08/12/corpo-de-gari-morto-por-empresario-e-velado-em-igreja-evangelica-de-contagem-na-grande-bh.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2025.

PIMENTEL, Maria do Rosário. **Chão de Sombras - Estudos sobre Escravidão**. Lisboa, Colibri, 2010.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), **As artimanhas da exclusão**: uma análise ético-psicossocial da desigualdade (7ª ed., pp. 97-119). Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

VAZ, Cláudia Freire. “Se não estudar, terminará como ele”: a origem do desprestígio social do gari. In: Alfredo Assunção; Sergio Dias Guimarães Junior; Nahan Rios Alves de Andrade Moreira de Souza. (Org.). **Psicologia e trabalho digno**: desafios ético-políticos e enfrentamentos na contemporaneidade. 1ed. Rio de Janeiro: CRPRJ, 2025, v. 1, p. 47-61.

* Cláudia Freire Vaz- Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016) c/ realização de Doutorado Sanduíche na Universidade do Minho - Braga, Portugal. Atualmente é Professora do Curso de Psicologia do Unifeso e membro do Núcleo de Direitos Humanos. E-mail: claudiavaz@unifeso.edu.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4569700459684986>